

REFLEXÃO SOBRE O CORPO E CORPOREIDADE NO LIVRO “O AVESSE DA PELE” DE JEFERSON TENÓRIO**REFLECTION ON THE BODY AND CORPOREALITY IN THE BOOK "O AVESSE DA PELE" BY JEFERSON TENÓRIO**

Vinícius Moraes dos Santos

Mestrando no programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade pela Universidade Estadual de Goiás (POSLLI/UEG)vinimsatos@hotmail.com<https://orcid.org/0009-0002-8799-883X><http://lattes.cnpq.br/9710063899198220>

Émile Cardoso Andrade

Doutora Literatura pela Universidade de Brasília (UnB)

emilecardoso@ueg.br<https://orcid.org/0000-0001-5766-4703><http://lattes.cnpq.br/4661919586535215>

Resumo: O foco primordial deste artigo é realizar uma reflexão sobre o corpo e a corporeidade no livro *O avesso da pele* (2020), escrito pelo brasileiro Jeferson Tenório. Busca-se promover uma discussão acerca do corpo negro na sociedade brasileira, examinando o papel de diversas instituições sociais, como escola, hospital, exército e casamento, na construção e configuração desse corpo. O intuito é explorar o modo como tais instituições contribuem para moldar a percepção e o significado do corpo negro dentro desses contextos. Para tanto, foram utilizadas como principais bases teóricas as obras de Foucault (1999 e 2001), Fanon (2008) e Nascimento (2016).

Palavras-chave: Corpo/corporeidade. Racismo. Literatura brasileira.

Abstract: The primary focus of this article is to reflect on the body and corporeality in the book *O avesso da pele* (2020), written by the Brazilian author Jeferson Tenório. We aim to foster a discussion about the black body in Brazilian society, examining the role of various social institutions such as school, hospital, army, and marriage, in the construction and configuration of these bodies. The goal is to explore how such institutions contribute to shaping the perception and meaning of the black body within these contexts. The main theoretical frameworks used include Foucault (1999 and 2001), Fanon (2008), and Nascimento (2016).

Keywords: Body/corporeality. Racism. Brazilian literature.

Considerações iniciais

Building the way

Nosso trabalho consiste em fazer uma reflexão histórico-filosófica sobre o corpo/corporeidade do livro intitulado *O avesso da pele* (2020) de Jeferson Tenório, que conquistou o prêmio Jabuti em 2021¹. Um livro de fácil leitura e ao mesmo tempo de uma intrincada tessitura filosófica e social, em volta de um tema complexo que é o racismo no Brasil.

À medida que a narrativa avança, somos conduzidos à intimidade dos personagens, revelando gradualmente a intensidade com que o racismo permeia as interações sociais e influencia diretamente as dinâmicas familiares dos envolvidos. Como bem expressa Paulo Scott² ao descrever as nuances do livro, encontramos ali “pequenas tragédias familiares” que são reflexos diretos das relações marcadas pelo racismo presentes ao longo da história.

No cenário brasileiro, o corpo negro carrega consigo uma história repleta de lutas, resistências e contribuições fundamentais para a construção da sociedade. Entender o papel do corpo negro nesse contexto é crucial para a reflexão sobre identidade, história e os desafios contemporâneos enfrentados por essa parcela da população.

Ao longo dos séculos, o Brasil foi marcado por um passado escravagista que deixou profundas cicatrizes na sociedade. O corpo negro, submetido à brutalidade da escravidão, enfrentou a desumanização, a violência física e psicológica, bem como a negação de direitos básicos. Essa história de opressão teve um impacto duradouro na estrutura social do país, perpetuando desigualdades econômicas, educacionais e sociais que ainda são visíveis.

Seguindo as ideias de Santos (1983, p. 19), a sociedade brasileira, ao transformar os africanos em escravos, delimitou não apenas o lugar social, mas também a maneira de tratá-los e serem tratados, estabelecendo padrões de interação entre brancos e negros cujos reflexos persistem na nossa sociedade contemporânea. Essa dinâmica histórica perpetuou a situação de inferioridade do corpo negro, um legado que se mantém presente até os dias atuais.

¹ Vencedor do Prêmio Jabuti, categoria de melhor romance em 2021.

² Paulo Scott nasceu em Porto Alegre, em 1966. Escritor e professor universitário, publicou doze livros. Recebeu os prêmios Machado de Assis, da Fundação Biblioteca Nacional, APCA, Açorianos de Literatura, entre outros, e foi finalista de prêmios como Jabuti e Prêmio São Paulo de Literatura. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/colaborador/03415/paulo-scott>. Acesso em: 16/11/2023.

Building the way

Outro dado a ressaltar são as estatísticas de violência contra o corpo negro. A taxa de homicídios por 100 mil habitantes de negros, em 2020, no Brasil, foi de 51, um número quase quatro vezes maior do que a de homens não negros (14,6), de acordo com a segunda edição do relatório *Violência Armada e Racismo*, um estudo do Instituto Sou da Paz³.

Essa estatística ajuda a revelar o problema da objetificação do corpo negro, reduzido ao animalesco e sujeito à aniquilação. Nosso propósito, também, reside em ampliar essa visão de corpo e compreender a corporeidade, a sensibilidade que compõe a formação dos corpos das personagens. Estes que vão de encontro aos dados estatísticos citados: marginalização do corpo negro, objetificação, animalização e por fim o extermínio desse sujeito.

Quando tratamos do corpo negro e, por analogia, de sua corporeidade, recorremos à concepção de corpo da Fenomenologia. Merleau-Ponty (1990, p. 296) é um dos autores que se debruçaram sobre a questão do corpo. Ele sugere que nossa experiência do mundo é mediada de maneira essencial pelo nosso corpo, que não apenas sente e age, mas também pensa e compreende. O movimento é fundamental na intencionalidade desse corpo, pois é através do deslocamento no tempo e no espaço que se dá a percepção do mundo ao nosso redor. O curso do tempo, portanto, está intrinsecamente ligado ao movimento do corpo, uma vez que a interação contínua com o ambiente é o que nos permite desenvolver uma compreensão plena e integrada da realidade.

Além disso, é importante ressaltar que este estudo foi caracterizado como uma pesquisa qualitativa, centrada na análise do conteúdo e na interpretação do discurso dos personagens e do narrador da obra *O avesso da pele*. Para tal abordagem, realizamos uma discussão de cunho histórico-filosófico sobre o corpo, utilizando contribuições de diversos filósofos. Destacamos especialmente os escritos de Foucault (1999; 2001), os quais ofereceram subsídios fundamentais para uma compreensão mais profunda da corporeidade mencionada no livro.

³ O estudo tem como base dados do Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM), do Ministério da Saúde, e da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD C), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). FONTE: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/11/19/taxa-de-homicidio-de-homens-negros-no-brasil-e-quase-4-vezes-maior-do-que-a-de-nao-negros-aponta-estudo.ghml>. Acesso: 16/11/2023.

Building the way

Com o intuito de aprimorar a organização das análises e estabelecer uma delimitação dos temas, nossa abordagem priorizou a palavra "corpo" conforme sua aparição ao longo do livro, realizando análises individuais associadas a cada ocorrência. Para viabilizar esse método, adotamos o uso de uma ficha de roteiro que nos permitiu registrar e sistematizar aspectos específicos relacionados à concepção e representação do corpo em cada contexto narrativo, proporcionando uma análise mais detalhada e criteriosa. Essa estratégia facilitou a compreensão e a identificação de padrões ou variações significativas na abordagem do tema ao longo do livro.

123

Algumas breves concepções acerca do corpo/corporeidade

Para compreendermos sobre o corpo/corporeidade na obra *O avesso da pele*, iremos fazer trazer um breve leitura a partir de alguns teóricos, como: Platão (1965), Santo Agostinho (1997), Karl Marx (1963), Michael Foucault (1999) e Almeida (2019). Corroboramos com Carmo Júnior (2005, p.1), quando afirma que as questões fundamentais sobre o corpo humano e suas relações como homem, em qualquer área da cultura ou identidade não escapa de um problema filosófico e seus questionamentos existenciais.

A filosofia platônica tem como objetivo a purificação da alma, considerada fundamental para alcançar a sabedoria e a virtude. Através do aprofundamento no conhecimento e da reflexão, a alma é capaz de se libertar das distrações e ilusões do mundo material. Esse processo possibilita transcender as preocupações físicas e emocionais ligadas ao corpo, permitindo o acesso a um estado superior de compreensão e existência.

Platão (1965, p.300) define o corpo como prisão da alma, sendo responsável pela sua condição de libertação ou castigo, por ser, segundo ele: "[...] o corpo, com suas inclinações e paixões, que contamina a pureza da alma racional, impedindo-a de contemplar as ideias perfeitas e eternas." Portanto, a concepção platônica de que o corpo é a prisão ou o túmulo da alma está fundamentada na ideia de que o corpo representa um obstáculo à ascensão da alma ao domínio das realidades inteligíveis, do espírito.

Building the way

Nesse sentido, Platão (1965) via o corpo como o agente que aprisionava a alma por meio do erro, da ignorância e da ilusão, impedindo sua libertação. O corpo, dotado de uma poderosa capacidade de sedução, envolvia a alma com suas emoções e aflições, tornando-a indolente, desorganizada e incapaz de filosofar. Essa visão negativa do corpo como algo maléfico impulsionava a busca pela libertação da alma das opressões que o corpo impunha. Nesse contexto, o exercício filosófico era proposto como aliado supremo da alma, desenvolvendo sua capacidade de se distanciar ao máximo do corpo e de se defender de seus efeitos nefastos.

Em outra concepção, Gonçalves (1997, p. 41 e 42) salienta que Platão, nos seus últimos escritos, minimizou o desprazer com o corpo, admitindo que o exercício físico traz benefícios para a alma, quase como uma iniciação religiosa vindo a proporcionar equilíbrio entre o corajoso e o filosófico.

Santo Agostinho foi um influente filósofo e teólogo cristão do século IV e V. De acordo com Gonçalves (1997, p. 45), suas obras tiveram um profundo impacto no pensamento ocidental. Sua concepção de corpo é intrinsecamente ligada a suas reflexões sobre a natureza humana, a moral e a relação entre o ser humano e Deus. Suas ideias, também foram caracterizadas pelo dilema da Fé e da Razão, cujo corpo foi subjugado e tratado como elemento dispensável. Defendeu que a vida humana era concebida pelo dogma da criação, em que homem e mundo passavam a ser vistos como criação de Deus, com uma história e um destino que transcendem a vida terrena. Por isso, no período que alcança até Santo Agostinho, qualquer relação com o uso do corpo significava corrupção da alma. Cormac Burke (1990, p. 280) um dos estudiosos da obra de Santo agostinho argumenta que o filósofo cristão criou uma teoria acerca do sexo, que se faz necessária apresentar, por ser fundamental para analisar uma das concepções de corpo/corporeidade presente em um dos fragmentos analisados em nosso trabalho. Esta teoria admitiu que a relação sexual no matrimônio não fosse pecado, desde que a intenção seja de gerar prole; e que a castidade é uma virtude da mente e não se perde pela violação do corpo, mas perde-se pela intenção do pecado, mesmo quando não realizado.

A visão de Marx (1963, p. 94) sobre o corpo humano transcende sua dimensão física, adentrando os domínios da atividade produtiva, das relações sociais e das estruturas econômicas. Para esse autor, o corpo humano é mais do que um

Building the way

125

simples organismo biológico; é o veículo pelo qual ocorre a transformação da realidade social e econômica. Marx (1963, p.90) postulou que a corporeidade humana foi concebida em sua totalidade, enfatizando que o corpo humano se torna genuinamente humano por meio de sua atividade produtiva. Ele argumenta que a alienação econômica é a raiz de todas as outras formas de alienação, manifestando-se na divisão do trabalho, na propriedade privada e no surgimento do dinheiro como meio universal de troca. Esses elementos são identificados como a origem histórica da alienação.

E Carmo Júnior (2005, p. 115), que faz estudo sobre o corpo na perspectiva marxista, afirma que:

Por fim, o corpo material, não apenas uma idéia mórbida da anatomia, divindade, pensamento, espírito, materializa-se no trabalho, no uso da força nos meios de produção em Marx, transforma-se em indivíduo real, nas suas ações e nas suas condições materiais de vida. Nasce a constatação, na história humana, da existência de indivíduos humanos vivos. O momento histórico e político permitiram que a ideologia se voltasse para um tipo de preocupação na esfera do trabalho, com o corpo do trabalhador.

A análise marxista do corpo lança luz sobre as dinâmicas de poder e desigualdades presentes no sistema capitalista, como a divisão do trabalho, exploração da mão de obra e a mais-valia, buscando uma sociedade onde o corpo humano seja verdadeiramente emancipado de suas correntes econômicas e possa florescer em sua plenitude.

Michel Foucault (1926-1984) foi um influente filósofo, historiador e teórico social francês. Esse autor é conhecido por sua abordagem crítica e inovadora em relação ao poder, conhecimento, instituições sociais e como esses elementos moldam a sociedade e o indivíduo. Em seu livro *Vigiar e Punir* (1999, p.127), introduziu o conceito de “corpos dóceis” como parte de sua análise da disciplina e do poder nas sociedades modernas. Ele explorou como as instituições e as técnicas disciplinares moldam e controlam os corpos dos indivíduos, transformando-os em entidades submissas e obedientes.

A ideia de “corpos dóceis” se refere à maneira como as estruturas de poder operam nos níveis microscópicos do corpo e do comportamento. Foucault (1999)

Building the way

argumentou que as instituições, como escolas, prisões e hospitais, implementam técnicas de controle que visam regular o comportamento humano e criar indivíduos disciplinados.

Também recorreremos ao livro *Microfísica do Poder* (2001, p. 83) para explorar a perspectiva do corpo como sendo dominado pelo poder. Nele, é destacado que, em qualquer sociedade, o corpo se encontra confinado dentro de estruturas de poder que impõem limitações, proibições e obrigações. Essa abordagem foi o ponto de partida para nossa análise e interpretação das concepções de corporeidade presentes nos fragmentos estudados em nossa narrativa.

O autor ainda argumenta que é importante rejeitar a ideia comum de que, nas sociedades burguesas e capitalistas, o poder ignora o corpo em favor da alma ou da mente. Na verdade, o exercício do poder é algo muito ligado ao corpo, é físico e material. Em vista disso, qual é a importância do corpo para o funcionamento da nossa sociedade capitalista?

Eu penso que, do século XVII ao início do século XX, acreditou-se que o investimento do corpo pelo poder devia ser denso, rígido, constante, meticuloso. Daí esses terríveis regimes disciplinares que se encontram nas escolas, nos hospitais, nas casernas, nas oficinas, nas cidades, nos edifícios, nas famílias... E depois, a partir dos anos sessenta, percebeu-se que este poder tão rígido não era assim tão indispensável quanto se acreditava, que as sociedades industriais podiam se contentar com um poder muito mais tênue sobre o corpo. Descobriu-se, desde então, que os controles da sexualidade podiam se atenuar e tomar outras formas... Resta estudar de que corpo necessita a sociedade atual (Foucault, 2001, p. 83-84).

Depois de fazer um apanhado sobre a construção de corpo e corporeidade no pensamento de alguns filósofos conceituados, utilizaremos também do pensamento de Silvio de Almeida (2019) para contribuir com nossas reflexões sobre os corpos negros na perspectiva do nosso objeto de estudo. A narrativa do livro *O avesso da pele* utiliza principalmente duas cidades como ambientação da história, Porto Alegre, no estado do Rio Grande do Sul, e Rio de Janeiro, de uma forma menos citada. E para compreender esse corpo negro à brasileira, concordamos que:

em uma sociedade que se apresenta como globalizada, multicultural e constituída de mercados livres, “o racismo já não ousa se apresentar

Building the way

127

sem disfarces”. É desse modo que o racismo passa da destruição das culturas e dos corpos com ela identificados para a domesticação de culturas e de corpos. Por constituir-se da incerteza e da indeterminação, é certo que o racismo pode, a qualquer momento, descambar para a violência explícita, a tortura e o extermínio. Porém, assim que a superioridade econômica e racial foi estabelecida pela desumanização, o momento posterior da dinâmica do racismo é o do enquadramento do grupo discriminado em uma versão de humanidade que possa ser controlada, na forma do que podemos denominar de um sujeito colonial. Em vez de destruir a cultura, é mais inteligente determinar qual o seu valor e seu significado (Almeida, 2019, p. 46).

O corpo negro é frequentemente visto e vivenciado de maneira complexa e multifacetada na sociedade brasileira. Essa percepção é moldada por uma história de racismo, preconceito e desigualdades que têm raízes na época da escravidão e que continuam a afetar a vida dos indivíduos negros no Brasil. Por exemplo, podemos citar o estereótipo e preconceito, a hipertextualidade, o racismo estrutural e a representatividade limitada. E essas concepções sobre o corpo negro no Brasil podem gerar uma série de problemas na vida do indivíduo que carrega esses estereótipos.

Por dentro do livro

O livro *O avesso da pele* (2020), escrito pelo brasileiro Jeferson Tenório, é um romance premiado com o Jabuti de 2021. A obra aborda temas como ausências, relacionamentos, afeto, identidade, pertencimento e luto, todos permeados pela questão racial do negro brasileiro. A narrativa é conduzida por Pedro e a maior parte da história é contada em segunda pessoa. O pai de Pedro, Henrique, já falecido, é central na trama, e seu filho reconstrói memórias por meio dos objetos do apartamento paterno na tentativa de se aproximar dele. Fica evidente a sensação de ausência paterna ao longo da vida de Pedro. O ocutá⁴, é o primeiro objeto que Pedro encontra no apartamento do pai. É curiosa a simbologia desse objeto sagrado do Candomblé, pois permite contar e criar a história de vida de Henrique. A narrativa incide na

⁴ Ocutá é o centro, o imã que atrai o Orixá, o ponto principal entre o Orixá e a pessoa. Geralmente é uma pedra de rio. Fonte: <https://zeze-de-oxala-centro-africano.webnode.page/ocutas-dos-orixas/>. Acesso: 09/08/2023.

Building the way

sensação de que o pai reencarna no filho e, assim, lembranças um tanto íntimas vão sendo rememoradas.

O narrador relembra as histórias de seu pai, revelando questões histórico-sociais pertinentes à realidade brasileira, como a desestrutura familiar, desigualdade social, problemas na escola pública, racismo e a violência policial. Henrique é professor de uma escola pública em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. O narrador sempre relata os problemas da escola pública: desinteresse dos alunos, pouca valorização profissional e sobrecarga de trabalho na vida do professor.

Os problemas de saúde sempre estiveram presentes na vida de Henrique. Desde a infância, ele carregava consigo uma úlcera causada pela ansiedade. Aos 18 anos, quando se alistou no exército, enfrentou humilhações decorrentes de rituais de masculinidade.

Pedro lembra também da violência sofrida por Henrique quando criança. As professoras prenderam seus dedos na porta. E não foi por acidente, mas depois Henrique percebe que aquela dor foi provocada intencionalmente. Aos quatorze anos, Henrique estava em um ponto de ônibus e foi confundido com um bandido, ele correu e foi xingado de forma racista e espancado por garotos dentro de uma igreja evangélica. Ele foi salvo pelo pastor que interveio, pedindo para não matar ninguém dentro da igreja. Henrique foi algemado e levado como bandido para a delegacia. Apenas horas depois que a situação foi esclarecida.

O narrador também relembra a história da sua mãe, como sua infância foi difícil, a morte dos pais quando ainda era criança e sua separação dos irmãos, a dificuldade de quando foi adotada por Madalena, o assédio sexual na adolescência, um casamento precoce com Vitor, a violência doméstica sofrida, a subjugação do corpo da mulher negra.

É importante ressaltar os relacionamentos conturbados no decorrer da vida de Henrique, devido a diferentes questões, mas que são atravessadas pelas questões raciais. Como os olhares das pessoas para um casal inter-racial, as piadas preconceituosas na casa dos familiares de Suellen, os problemas de quando apresentou a namorada aos seus familiares.

Em certa parte do livro, o autor detalha as inúmeras abordagens policiais vividas por Henrique ao longo de sua vida. Desde a infância até a vida adulta, essas

Building the way

situações são descritas de forma detalhada, todas elas permeadas por preconceito racial.

O casamento de Henrique e Martha representa um ponto crucial na história, revelando o encontro de duas pessoas lidando com suas dores e traumas na tentativa de fazer a relação funcionar. Ao longo do tempo juntos, enfrentam situações diversas: ciúmes, inseguranças, dificuldades financeiras, discussões e reconciliações. Apesar de ambos serem negros, há uma diferença de entendimento sobre essa questão, gerando conflitos adicionais. Após muito esforço e o medo da separação, o fim do casamento se torna inevitável. Eles se separam, tendo um filho com menos de um ano de idade.

Por fim, a vida de Henrique chega a um desfecho trágico durante uma abordagem policial desastrosa. Aos 50 anos, cansado de seguir as ordens policiais, ele se recusa a obedecer, tentando retirar os trabalhos de seus alunos de uma pasta. Nesse momento de resistência, é alvejado por vários tiros pelo corpo, culminando em um policial disparando o último tiro em sua cabeça.

Reflexões do corpo no livro *O avesso da pele*

Em nosso levantamento através da leitura e organização de fichas, fomos pontuando a palavra corpo e em qual contexto esse corpo aparecia. E, por ordem crescente de paginação, vamos desenvolver nossa reflexão histórico-filosófica de acordo com os autores norteadores.

Passagem 1:

Nessa primeira citação do livro, o narrador personagem está dentro do apartamento do seu pai, já falecido e enterrado. Seu pai não foi muito presente em sua vida. E nas primeiras páginas da narrativa o autor cita:

[...] hoje, prefiro pensar que você partiu para regressar a mim. Eu não queria apenas a sua ausência como legado. Eu queria um tipo de presença, ainda que dolorida e triste. E apesar de tudo nessa casa, nesse apartamento, você será sempre um corpo que não vai parar de morrer. Será sempre um pai que se recusa a partir. Na verdade, você nunca soube ir embora [...] (Tenório, 2020, p. 13).

Quando o filho discursa que queria a presença do pai, ainda que dolorosa e triste, remetemo-nos à ideia de Foucault (1999, p. 207) quando ressalta sobre a punição e a vigilância dos corpos sistematizadas pelas instituições. E esse processo é doloroso, triste, levando Henrique até mesmo a morte, o findar do corpo. A narrativa do livro, de uma forma geral, fala da trajetória de Henrique e descreve algumas instituições disciplinares pelas quais passou, como: creche, escola, serviço militar e casamento. Depois ele ainda retorna à instituição escolar como professor. E nesses ambientes Henrique vivencia diferentes tipos de controle e até mesmo tortura.

Outra análise que podemos fazer é quando Pedro fala que o pai nunca se recusa a partir. Assim, concordamos com as ideias de Platão (1965, p. 188), quando afirmou a existência de dois reinos fundamentais: o mundo sensível e o mundo das formas. O mundo sensível é o mundo em que vivemos, com objetos materiais, corpos e coisas que podem ser percebidas pelos sentidos. No entanto, o autor argumentava que o verdadeiro conhecimento e a realidade mais elevada eram encontrados no mundo das formas, que era eterno, imutável e transcendente. Através dos objetos do pai, Pedro vai entrando em contato com as memórias materiais do pai, mas na mesma citação do livro podemos perceber essas expectativas de Pedro nessas ideias de elevação do pai após a morte física.

Passagem 2:

Henrique, aos 19 anos, é chamado para uma entrevista de emprego. Bruno é dono de um escritório de advocacia e o responsável pela entrevista. Depois que Bruno percebeu certa subserviência de Henrique, pois este conseguia olhá-lo nos olhos, falou que não gostava de negros, e de forma persistente, repetiu a frase. A narração segue:

[...] até aquele momento você nunca havia sofrido racismo, assim, tão descaradamente, não que você se lembre. Mas você não se chocou, pois uma espécie de inércia tomou conta de seu corpo, você não sabia reagir. Na época, você nem sabia muito bem o que era ser negro. Não havia se discutido nada sobre racismo, nada sobre negritude, nada sobre nada. Naquele momento você era apenas um corpo negro (Tenório, 2020, p. 21).

Em um primeiro momento, nos apegamos às ideias de Marx (1965, p. 83) para fazer uma reflexão sobre essa relação do corpo com o trabalho e a necessidade gerada pelo capitalismo. O homem precisa ser útil ao sistema e, para isso, ele tem que render, trabalhar, e sua força é a venda da força do seu próprio corpo. O corpo se torna uma ferramenta, objeto para o capitalismo e a relação de poder se desemboca nessa relação do dono dos meios de produção e do trabalhador. A passividade de Henrique, sua hesitação em confrontar o empregador olho a olho, evidencia de forma clara essa dinâmica exploratória em que Henrique é apenas mais um empregado, um corpo sujeito às relações meramente financeiras e de poder.

Para nossa reflexão, trazemos novamente o filósofo e jurista Sílvio de Almeida (2019, p. 112 e 113) que argumenta que o racismo no Brasil não é apenas um fenômeno individual, mas também está profundamente enraizado nas estruturas sociais, econômicas e políticas do país. Enfatiza que o racismo é uma realidade estrutural e institucional, manifesta em várias áreas da sociedade, como no sistema de justiça, na educação, no mercado de trabalho. O autor ainda fala que as raízes do racismo no Brasil estão ligadas ao passado colonial do país, incluindo a escravidão e a exploração de povos africanos. E ainda ressalta que a história deixou uma herança cultural e estrutural que continua a perpetuar desigualdades raciais até os dias de hoje.

A inserção dos indivíduos em cada uma destas condições formatadas pela sociabilidade capitalista depende de um complexo jogo que mescla uso da força e a reprodução da ideologia a fim de realizar a domesticação dos corpos entregues indistintamente ao trabalho abstrato. O racismo é um elemento deste jogo: será por isso que parte da sociedade não verá qualquer anormalidade na maioria das pessoas negras ganharem salários menores, submeterem-se aos trabalhos mais degradantes, não estarem nas universidades importantes, não ocuparem cargos de direção, residirem nas áreas periféricas nas cidades e serem com frequência assassinadas pelas forças do Estado. (Almeida, 2019, p. 46)

O corpo de Henrique representa apenas mais um corpo negro, estagnado, sujeito a um racismo flagrante. A naturalização desse racismo nessa relação é resultado de uma construção histórica, tanto por parte do corpo negro quanto do empregador, ambos reproduzindo os padrões históricos do país. Ao longo da

v. 14, n. 1 **ISSN 2237-2075**

Building the way

narrativa, Henrique reconhece a injustiça dessa situação, porém se vê enredado pela questão econômica, sua necessidade de trabalho e sua limitada consciência racial, um tema que ele nunca havia explorado. Enquanto isso, Bruno, o empregador, encarna o papel do dominador, um homem branco que detém o poder e seus privilégios.

132

Passagem 3:

Depois de uma série de dificuldades no casamento, os pais de Henrique se separam e sua mãe tem a responsabilidade de trabalhar e cuidar dele, uma criança com menos de um ano de idade. Logo, Henrique é colocado em uma creche.

[...] toda sua vida se resume naquele pedaço de seu corpo que agora grita. Na hora você não sabia, mas mais adiante saberá que aquela dor foi provocada. Saberá que as professoras da creche prenderam seus dedos apenas por maldade. Queriam ver até onde você aguentava. E no fim, também mais adiante, encontrará pessoas dispostas a saber até onde você vai. Até onde você suporta [...] (Tenório, 2020, p. 70).

Um corpo que grita de dor. Isso nos remete às ideias de Foucault (1999, p. 34) sobre suplício, que é uma pena corporal de dor inexplicável. Remetemo-nos à barbárie e à tortura, à arte de torturar, de medir quantidade de sofrimento, e isso se torna mais cruel quando se trata de criança com menos de um ano de idade.

A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma “aptidão”, uma “capacidade” que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a relação de sujeição estrita. Se a exploração econômica separa a força e o produto do trabalho, digamos que a coerção disciplinar estabelece no corpo o elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada. (Foucault, 1999, p. 127).

De acordo com Guattari (1987, p. 53), a creche é um ponto de iniciação, o começo de uma coação do viés capitalista, assim, podemos reconhecer essa relação da criança torturada e dos próprios funcionários da creche que estão inseridos nesse

Building the way

contexto, provavelmente para impor uma lógica adaptativa, relação hierárquica de poder. Outro autor que corrobora complementando a ideia é Le Breton (2004, p. 16), que ressalta que o corpo é o primeiro lugar de soberania do sujeito, a primeira ligação com o mundo. E essa tormenta imposta ao corpo de Henrique é para colocá-lo no lugar de subjugação.

Na citação fica claro que o motivo da agressão é apenas por maldade, assim, ficamos na ânsia de buscar algum motivo, uma indisciplina, uma transgressão da ordem pré-estabelecida pelas funcionárias da creche. Mas, mesmo se fosse uma transgressão, a punição de apertar os dedos de uma criança é inaceitável. O que podemos refletir, de acordo com o desenrolar dos fatos no livro, é que as instituições vão vigiar e punir esse corpo de Henrique no decorrer de sua vida toda, até ele não suportar mais, que é o momento de sua morte.

Passagem 4:

Nessa próxima citação o narrador Pedro relata como perdeu sua virgindade. Ele tinha 15 anos e Tamires 17, ambos negros. Nesse dia eles faltaram a aula de educação física para terem o ato sexual. Isso ocorre na casa de Pedro, na ausência de sua mãe.

[...] nós não chegamos a tirar completamente a roupa porque tínhamos vergonha do nosso corpo. A Tamires achava que tinha os seios grandes demais, então durante toda a transa ela usou uma blusa e sempre a puxava para baixo, com receio de que eu visse os seus seios. Eu também continuei de camisa, porque achava meu corpo muito magro e não queria que ela reparasse na saliência dos meus ossos [...] (Tenório, 2020, p. 111).

No Brasil, esse processo de séculos de escravidão e a crueldade desse regime concretizaram a forma como o corpo negro é visto e tratado. Os interesses em dominar, estigmatizar esse corpo como feio e fora do padrão são argumentos para justificar a colonização e encobrir intencionalidades econômicas e políticas.

Pessoas negras, portanto, podem reproduzir em seus comportamentos individuais o racismo de que são as maiores vítimas. Submetidos às pressões de uma estrutura social racista, o mais

Building the way

comum é que o negro e a negra internalizem a ideia de uma sociedade dividida entre negros e brancos, em que brancos mandam e negros obedecem. Somente a reflexão crítica sobre a sociedade e sobre a própria condição pode fazer um indivíduo, mesmo sendo negro, enxergar a si próprio e ao mundo que o circunda para além do imaginário racista (Almeida, 2019, p. 43).

A representação dos dois personagens, ambos adolescentes negros, reflete uma visão desvalorizada de seus próprios corpos. Essa autodepreciação reflete a maneira como se percebem, se avaliam e se sentem em relação à sua aparência física, uma experiência subjetiva intrinsecamente ligada às dinâmicas históricas e sociais.

Almeida (2019, p. 111) ainda argumenta que as práticas discriminatórias pelas quais o racismo se realiza é dada pela ideologia. Sua análise das ideologias está conectada à maneira como as crenças, valores e narrativas moldam e sustentam as desigualdades raciais. E continua dizendo que o racismo é perpetuado não apenas por indivíduos explicitamente preconceituosos, mas também por sistemas e estruturas que reproduzem e mantêm padrões de discriminação.

Passagem 5:

Após o filho narrar detalhadamente a trajetória de luta, resistência e as angústias enfrentadas pelo pai, ele faz uma reflexão crítica sobre o racismo na região Sul do país, em que se destaca o trágico incidente em que a vida de seu pai foi brutalmente ceifada por um erro da polícia.

[...] mas sei que durante a sua vida você passou por essas tentativas de fuzilamento. A sua grande obra foi continuar levando dia após dia. Apesar de tudo, você continuou desafiando a possibilidade de morrer. No sul do país, um corpo negro será sempre um corpo em risco (Tenório, p. 184).

No Brasil, como em muitos outros lugares, as pessoas negras historicamente enfrentaram uma série de desafios, discriminações e injustiças relacionadas à sua identidade racial. Apegamo-nos a Munanga (1999, p. 110), que aborda o processo de formação da identidade nacional no Brasil a partir dos métodos eugenistas que visavam o branqueamento da sociedade. E isso resultou em um

Building the way

contexto no qual os corpos negros frequentemente são percebidos e permanecem em maior risco em comparação aos corpos brancos.

Especificamente a região Sul, Leite (1996, p.40) afirma que a invisibilidade dos negros acontece devido às políticas de branqueamento que trouxeram estrangeiros de países europeus para esta região, além da ausência de políticas públicas, pesquisas, formas de representação literária e segregação socioespacial. A autora afirma que a política de branqueamento teve sucesso, principalmente nessa parte do país, a visibilidade negra nessa região é quase nula.

O Estado brasileiro tem o dever de garantir a segurança de toda a sua população, independentemente de cor, raça, orientação sexual ou crença religiosa. No entanto, na realidade cotidiana, muitos brasileiros negros enfrentam insegurança ao serem abordados pela polícia. Essa construção histórica e social em torno do corpo negro gera desconfiança e receio em relação àqueles que deveriam ser responsáveis por protegê-los.

Muito precisa ser feito para que essas instituições de Estado contribuam, de forma mais abrangente, com uma concepção ampla de desenvolvimento, que englobe a garantia de direitos individuais e a promoção da equidade. É comum que policiais trabalhem de forma discriminatória ao buscarem sua “clientela”, com base em estereótipos que têm na cor da pele dos “suspeitos” seu elemento principal. Dentro das sociedades democráticas, este tipo de orientação torna-se um dos elementos mais polêmicos da atuação policial (Lima; Oliveira Júnior, 2013, p.22)

O corpo negro na região sul enfrenta um grave risco: sua visibilidade é frequentemente diminuída e as políticas públicas destinadas a essa comunidade são insuficientes. Esse corpo é muitas vezes considerado estranho, distante do padrão valorizado por uma sociedade que infelizmente perpetua um imaginário racista. Esses estereótipos acabam se refletindo nas abordagens policiais, em que os corpos negros, lamentavelmente, são frequentemente encarados como os principais suspeitos de transgressões às leis. Essa conjuntura aprofunda a vulnerabilidade racial no Brasil, desafiando a igualdade e a justiça para essa parcela da população.

Considerações finais

Building the way

O livro *O avesso da pele* (2020), de Jeferson Tenório, busca humanizar o corpo negro, sensibilizar o leitor de que entre as partes biológicas desse corpo existe um ser, uma pessoa, uma ancestralidade que resiste aos sofrimentos e às dores, resiste até não aguentar mais. Henrique morre, mas este não deixa de ser um ato de existir. Seu corpo é perfurado por várias balas, que findam esse corpo material, mas Pedro, seu filho, reinventa seu pai reconstrói seus momentos afáveis, cordiais e não menos humanos com suas falhas e suas frustrações.

A narrativa apresenta um corpo que carrega um histórico de suplício desde a infância, atravessando experiências de racismo direto que deixam o corpo paralisado diante da injustiça bem arraigada no sul do país. Surge então a não aceitação desse corpo, pois ser negro é não se enquadrar nos padrões de beleza historicamente estabelecidos. E, por fim, ter um corpo negro significa viver sob constante risco, com o temor presente durante qualquer abordagem policial, mesmo quando não se tem envolvimento com atividades criminosas. Essas características revelam a complexidade e as adversidades enfrentadas diariamente por indivíduos negros no Brasil, onde a própria existência se torna um desafio diante de estruturas sociais profundamente discriminatórias.

Pedro tem plena consciência do legado de resistência e sobrevivência que seu pai, como homem negro brasileiro, atravessou. Segundo o argumento de Fanon (2008, p.181), a luta contra a opressão e a exploração representa uma via de transcendência para o corpo colonizado. Através da ação política, da resistência e da busca pela liberdade, as pessoas conseguem superar as condições opressivas e reivindicar sua dignidade. Pedro nutre o desejo de resgatar essa dignidade, utilizando a figura paterna como um símbolo de resistência contra a opressão. Essa busca por reconstruir a dignidade não apenas homenageia seu pai, mas também se torna um ato de resistência contra as forças opressivas que ainda perduram na sociedade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. São Paulo. Tradução: Sueli Carneiro: Editora Pólen, 2019.

ARCOVERDE, Leo. **Taxa de homicídio de homens negros no Brasil é quase 4 vezes maior do que a de não negros, aponta estudo**. G1, São Paulo, ano,

Building the way

número, 19 de novembro de 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/11/19/taxa-de-homicidio-de-homens-negros-no-brasil-e-quase-4-vezes-maior-do-que-a-de-nao-negros-aponta-estudo.ghtml>. Acesso em: 13 ago. 2023.

BURKE, C. San Agustin y la Sexualidad Conyugal. **Augustinus**, Madrid, nº. 35, CARMO JUNIOR, Wilson do. **Dimensões Filosóficas da Educação Física**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

FANON, Franz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução: Renata Vieira. Editora EDUFBA. Salvador, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Tradução: Roberto Machado, 16. ed. Rio de Janeiro, RJ: Graal, 2001.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Tradução: Raquel Ramallete. 19. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1999.

GONÇALVES, Maria Augusta Salin. **Sentir, pensar, agir**. 2. ed. Campinas, SPPapirus, 1997.

GUATTARI, Félix. **Revolução molecular: pulsões políticas do desejo**. Tradução: Suely Belinha Rolnik. Cidade: Editora Brasiliense 1981.

LE BRETON, David. **Sinais de identidade: Tatuagens, piercings e outras marcas corporais**. Tradução: Tereza Frazão. Lisboa: Miosótis, 2004

LEITE, Ilka Boaventura (org.). **Negros no sul do Brasil: Invisibilidade e territorialidade**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1996.

LIMA, Verônica Couto de Araújo; OLIVEIRA JÚNIOR, Almir de. **Segurança pública e racismo institucional**. Boletim de Análise Político Institucional. 2013. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/5931>. Acesso em: 08 de agosto de 2023.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1963.

MERLEAU-PONTY, M. O primado da percepção e suas consequências filosóficas. Tradução Constança Marcondes César. Campinas: Papirus, 1990.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Petrópolis, RJ. Vozes, 1999. p. 279-297, 1990.

PLATÃO. **A República**. São Paulo: Difusão Europia do Livro, 1965.

Building the way

SANTOS, Neusa. **Torna-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

TENÓRIO, Jeferson. **O avesso da pele**. 1. ed., São Paulo: Companhias das Letras, 2020.